



O HOMEM MILITAR, O FUTURO E A GUERRA

Alzir Benjamin Chaloub

O HOMEM MILITAR

Tendo cerca de quarenta e sete anos de serviço inteiramente dedicados ao Exército, dos quais quase a metade passados em Escolas, o Ensino para mim se apresenta como algo duplamente fascinante: — primeiro, porque ele se preocupa basicamente com o Homem; — segundo, porque suas ações se dirigem, primacialmente, para o Futuro. Assim, para mim, o Homem e o Futuro constituem os parâmetros basilares de qualquer Ensino. É, no Ensino Militar, seus objetivos essenciais são a formação do **HOMEM MILITAR** e do **EXÉRCITO DO FUTURO**.

O Homem é o capital mais precioso de uma Nação. Ele é o cére-

bro, o coração e o motor de qualquer empreendimento. De nada adiantarão os mais modernos equipamentos, as mais sofisticadas tecnologias se não houver uma vontade esclarecida a acioná-los em seu próprio benefício e no de seus semelhantes. A própria robotização, imaginada pelo homem para substituí-lo em determinadas atividades, limita-se à execução de um programa preestabelecido pelo próprio homem. É que a criatividade, manifestação suprema do espírito humano, não pode ser transferida; pode, quando muito, ser desenvolvida naqueles que já a possuem. Máquinas e "robots" não escravizam o homem; antes o libertam das tarefas extenuantes e rotineiras, para que ele possa se consagrar por inteiro à mais sublime de suas faculdades — a criação.

É para o Homem que as atenções e preocupações do Departamento de Ensino e Pesquisa estão voltadas. Em especial, para o Homem Brasileiro, matéria-prima por ele utilizada para formar o Homem Militar. Assim, as preocupações de professores, instrutores e monitores com os alunos visam explicitamente, no Ensino Militar, à formação do Homem Combatente, do Homem Comandante, do Homem Chefe Militar.

O Homem Militar se distingue entre seus concidadãos por juramento legal, em que promete dedicar-se inteiramente, de corpo e alma, ao serviço da Pátria, na Paz ou na Guerra. Por conhecê-la melhor e estar mais bem informado das conseqüências funestas que poderão advir para toda a Nação, não deseja a Guerra e muito menos a provoca; mas se ela ocorrer, dela não procura fugir, porque a Nação nele confia e dele tem o direito de exigir até mesmo o sacrifício supremo, o sacrifício da própria vida.

A formação do Homem Militar, pois, precisa considerá-lo em sua constituição integral, em toda a sua complexidade. Há que abrangê-lo em sua totalidade de ser vivente, em suas quatro faculdades básicas: a de sentir, pensar, julgar e agir. É pelo sentimento, através dos órgãos sensoriais, que o homem se apercebe das circunstâncias do mundo exterior e dele recebe emoções, boas ou más, que lhe permitem formular desejos e aspirações. Pela faculdade de pen-

sar, o homem compreende os nômenos, aprende a identificar que lhe é útil, a manifestar o interesse e a alcançar o saber. Pela faculdade de julgar, o homem elimina desejos e interesses, emoções e conhecimento e, comparando com a escala de valores que a formação moral e filosófica lhe inculca, decide e manifesta a sua vontade. Por fim, pela faculdade de agir, o homem executa as ações; pela execução, ele realiza; realizando, ele cria. Em resumo, pelo sentimento o homem apreende, pelo pensamento ele compreende e pela ação o homem empreende. Mas o homem responsável, antes de empreender qualquer ação, julga e decide. A sublimação dessas faculdades leva-o, pelo sentimento, ao Sentimento, pelo pensamento, ao Pensamento e pela Ação ao Poder. Mas é a faculdade de julgar que lhe permite atingir o mais alto valor social: a Justiça.

Todas essas faculdades precisam ser consideradas na formação do Homem Militar; porém, ainda não pode ser olvidada sua permanente evolução. Isto porque o homem não é, mas constrói a si mesmo instante o seu ser, seja no contato com outras pessoas, seja em contato com o mundo das coisas. É o ser que caminha invariavelmente em direção a seu ser-mais, visa em sua dimensão mais profunda a transcendência, ao plano dos valores espirituais, de onde fluem energias criadoras capazes de criar o seu constante vir-a-ser. A

nalidade pura não esgota a riqueza do ser humano. E, assim, por maiores que sejam os apelos à razão, o Homem continuará vivendo, lutando e morrendo pelas coisas em que acredita.

A conseqüência desse exame perfunctório da natureza humana é que a formação do Homem Militar deve ser GLOBAL e PERMANENTE. Global, no sentido de abranger todas as faculdades, toda a complexidade do ser humano; e permanente, no sentido de acompanhá-lo em sua evolução ao longo da carreira militar que, muito mais que uma sucessão de postos e graduações, deve ser encarada como uma sucessão de funções em escala crescente de complexidade e responsabilidade.

FUTURO

Outro motivo de fascínio a que se referi quando de início apontei os parâmetros basilares do Ensino é o objetivo essencial das atividades escolares, voltadas para o FUTURO. É claro que, pragmaticamente, não se pode perder de vista a realidade que nos cerca. Mas o fundamental e, diria mesmo, o definitivo é o compromisso com o futuro. Esta é a essência do trabalho em qualquer escola.

Sem dúvida que a experiência do passado, as ligações vividas e aprendidas importam pela capacidade de iluminar o presente, constituindo um lastro de sabedoria que auxilia a encontrar e manter

os melhores rumos. É preciso, porém, que, para não correr o risco da imagem bíblica da estátua de sal, os olhos estejam voltados para o futuro, pois só assim os melhores esforços serão concentrados na realização do dever.

Não é outra a essência das atividades de ensino: as luzes do passado, a consciência do presente e a aspiração do futuro.

O futuro... Haverá algo mais apaixonante que as tentativas para sua previsão? Entretanto, sua construção já começou, aqui e agora. Seus elementos formadores, em sua maioria, estão presentes, à nossa vista, sem que muita vez o percebamos. A melhor forma de divisá-lo, pois, é conhecer bem o presente, não apenas o presente que é, mas também o presente que está, não apenas o presente estático, mas também o dinâmico, para bem distinguirmos o que evolui daquilo que deve permanecer.

Essa distinção, em si mesma essencial, torna-se cada vez mais premente, diante da acelerada evolução científica e tecnológica de nossos dias. Mas, ainda mais importante será adotar a posição afirmativa de quem pretende construir algo, ao invés do comportamento passivo de quem busca perquirir, num processo divinatório, como será o mundo do futuro. Em outras palavras, é preciso que o homem pare de se indagar como será o futuro e assuma a responsabilidade de decidir por si mesmo

como quer que seja esse futuro, partindo imediatamente para iniciar sua construção.

Nesse sentido, a melhor orientação é a que nos foi deixada pelo saudoso Marechal Castello Branco, em aula inaugural proferida na ECEME: "Lutai contra o conservantismo, tornando-vos permeáveis às idéias novas, a fim de que possais escapar à cristalização, ao formalismo e à rotina . . . Não vacileis, então, e lançai-vos sempre para o futuro, pelas portas abertas do vosso tempo. Dest'arte estareis colocados na vossa época e às vésperas de uma nova época".

Além disso, não podemos nos esquecer que, se o mundo evolui, até por circunstâncias naturais, boa parcela da humanidade, a mais esclarecida, com ele evolui. É que o homem é a origem, o meio e o fim de toda evolução sobre a Terra, o construtor e o beneficiário de seu próprio destino. Como observou Teilhard de Chardin, "o homem, de produto da evolução, transformou-se em portador da evolução". Podemos dizer mais que, estando ele plenamente conscientizado da evolução, passa ela a depender basicamente de sua ação e iniciativa.

A GUERRA

Por último, queremos observar que, se o Ensino em geral tem como seus parâmetros básicos o Homem e o Futuro, o Ensino Militar tem um terceiro parâmetro, a que

já nos referimos de passagem: — a GUERRA.

Não formamos entre os que creem no adágio por muitos aceito de que "a guerra só se aprende na guerra", o que só pode conduzir a desastres porque não nos prepara para as primeiras ações, justamente as mais decisivas e que levou o Marechal FOCH a concluir que "a realidade do campo de batalha é que nele não se estuda; simplesmente faz-se o que se pode para aplicar o que se sabe. Por isso para poder um pouco é preciso saber muito e bem".

O estudo desse parâmetro — A GUERRA — traduz, basicamente a responsabilidade que temos na defesa da Pátria, bem como a fidelidade que devemos a um aspecto pouco lembrado nos dias atuais — nossas origens. Como dissemos na Aula Inaugural da EsAO, se já não somos uma classe — como a dos antigos guerreiros das sociedades primitivas, mas sim, cidadãos-soldados de um país civilizado, continuamos a ser o braço armado da Nação. Por isso a guerra, para nós, deve ser uma preocupação constante, que de nós exige uma preparação permanente e completa — física, mental, técnica e cultural. Pois estamos convencidos de que, nos dias atuais, somente nossa pronta disposição e completa preparação poderão dar a nosso País a necessária segurança, diante de quaisquer tentativas de domínio ou submissão.

Insistimos em repetir que isto não significa que nos tornemos estrategistas da guerra, mas tão-somente que devemos pesquisar a existência do problema e utilizar essa pesquisa como ponto de partida para um estudo racional.

A melhor forma de adquirir uma compreensão própria do fenómeno é através do exame da sua natureza, causas profundas e forças gerais de sua evolução até nos dias. Essa compreensão me parece indispensável para o estudo

Guerra, podemos e devemos socorrer dos ensinamentos dos grandes mestres que, através dos tempos, nos transmitiram o resultado de suas meditações sobre o assunto e, em particular, os ensinamentos de CLAUSEWITZ, sem dúvida, o maior pensador militar da História.

Clausewitz definiu a guerra como "um ato de violência destinada a compelir o adversário a cumprir nossa vontade". A maior contribuição de Clausewitz para a teoria da guerra, entretanto, foi a prioridade dada ao fator político e a ênfase atribuída aos fatores psicológicos. É muito repetida sua citação de que "a guerra é a continuação da política por outros meios", devendo ser esclarecido, porém, que, no seu pensamento, a guerra é a continuação no sentido de não substituição, mas sim de que ela também é um instrumento da Política, do mesmo modo que a diplomacia. Mas, enquanto a diplo-

macia tenta *convencer*, a guerra visa a *coagir*.

Assim, segundo Clausewitz, a dualidade "arte de convencer" X "arte de coagir" são apenas aspectos complementares da Política Nacional.

A arte de coagir, visando submeter o adversário a nosso ponto de vista, tenta obrigá-lo a capitular. A vitória na guerra toma, pois, a forma de uma *capitulação*, que pode ser obtida através dos seguintes meios:

— domínio militar, pela destruição do poder de combate das forças inimigas;

— asfixia econômica, impedindo o adversário de alimentar e suprir sua máquina de guerra;

— deterioração psicológica, solapando a confiança na vitória e abatendo o espírito que anima todo o esforço de guerra.

Em síntese, a capitulação pode ser obtida visando-se em particular o CORPO, o CORAÇÃO ou o ESPÍRITO do adversário. Daí as três formas que a guerra pode apresentar nos dias atuais: a GUERRA MILITAR, a GUERRA ECONÔMICA e a GUERRA PSICOLÓGICA, cada uma visando particularmente um dos grandes componentes do potencial de guerra.

Mas que motivos levará o homem a fazer a guerra, com todo seu cortejo de violência e destruição? Em outras palavras, quais seriam as *causas da guerra*, suas origens?

Este é o aspecto mais controverso de todos que se referem à guerra, pois cada pesquisador acaba estabelecendo uma teoria diferente e discordando total ou parcialmente dos demais. Assim, o número de teorias é praticamente igual ao de pesquisadores.

A própria classificação dessas teorias em grupos distintos é dificultada porque algumas teorias participariam de mais de um grupo, ou pertenceriam a um grupo, quanto ao método, mas estariam incluídas em outro, quanto às conclusões. Eu prefiro adotar uma classificação tomando como referência o HOMEM. Neste caso, a causa da guerra estaria situada *acima do Homem, no íntimo do Homem ou em torno do Homem*, nas instituições por ele criadas.

○ A primeira categoria compreende todas as *teorias normativas, ou de valores*, que podem ser religiosas, filosóficas, morais, políticas ou legais e se relacionam principalmente à vida consciente do homem e da sociedade, às idéias, valores, motivos, preferências e símbolos. Esta categoria inclui as teorias místico-sentimentais, cujas explicações são de base teológica ou metafísica e reconhecem a guerra como inevitável, por ser de essência divina, não podendo o homem senão obedecer a essa vontade sobrenatural. A guerra seria então o instrumento divino para o progresso moral, intelectual e físico da humanidade. Santo Agostinho,

que apreciava o trágico, dizia que a guerra refletia uma inquietação profunda do Homem e um desejo fundamental de paz; que os homens lutam apenas para alcançar a paz de seus sonhos e que o homem luta permanentemente para alcançar a paz perpétua.

A admissão de que os homens podem se matar, devido a suas diferenças de idéias a respeito de Deus, vem sendo ridicularizadas desde Voltaire. Entretanto, essas idéias básicas incorporam os valores fundamentais da sociedade, que os homens lutam para preservar e ao mesmo tempo evitar que sejam substituídos por valores e símbolos estranhos que lhes queiram impor. Os homens preferem suas próprias crenças, suas próprias maneiras e sua própria visão interior da verdade, que consideram superior à de outros povos. A defesa de instituições representativas e das liberdades humanas contra ditaduras, tiranias e totalitarismo representaram um fator relevante nos objetivos da 2ª Guerra Mundial e na própria criação da Aliança do Atlântico após a guerra.

A segunda categoria de teorias — a das que buscam as causas da guerra no íntimo do homem — se relaciona com os instintos e forças inconscientes da vida do homem. Inicialmente, foram os psicólogos que apelaram para os instintos, principalmente o instinto de luta. Agora são os biólogos — as ciências naturais e biológicas estão em grande moda atualmente — que

apontam na estrutura genética do indivíduo certos fatores que o levam a determinado comportamento para com o próximo. O homem assim conservaria vestígios de instinto que determinam uma conduta inata, sobressaindo dentre eles o instinto de agressão, que pode ser considerado como o instinto vital de conservação da espécie. Essas teorias admitem a guerra como um processo seletivo de aprimoramento e o desejo de poder como um instinto vital.

A terceira categoria de teorias é a das que buscam as causas da guerra nas instituições criadas pelo homem. A guerra será, então, resultante dos impulsos e necessidades da vida em sociedade que, por vezes, chegam a conduzir os homens contra suas próprias crenças. Esta categoria inclui:

— as *Teorias Psicossociais*, que destacam, entre outros aspectos, a correlação entre conflito externo e conflito interno, a imperiosa necessidade de conservação do tríptico INIMIGO — ALIADO — HERÓI, como motivação para o altruísmo da juventude e, ainda, a existência ou formação dos chamados "centros demográficos explosivos". Todos esses aspectos seriam causas de guerra, associados ou não a outros fatores.

— as *Teorias Econômicas*, que atribuem as causas da guerra a interesses econômicos, considerando que os demais fatores apenas mascararam os verdadeiros intuídos de possuir cada vez mais. De acordo

com essas teorias, o que existe, no fundo de tudo, é a velha luta pela sobrevivência ou por maiores riquezas, racionalizadas com outras motivações para não ferir códigos de ética e valores.

— por último, as *Teorias Políticas e Ideológicas*, que atribuem as causas da guerra aos interesses políticos e ideológicos, pois a guerra entre duas nações é sempre, fundamentalmente, uma decisão política dos governos. Entre essas teorias, é bom lembrar que se inclui a teoria *marxista-leninista* do imperialismo internacional, que atribui ao capitalismo a principal causa das guerras, reinventando, dessa forma, a velha teoria medieval conhecida como *teoria diabólica da guerra*, que consiste em descobrir um bode expiatório para tudo de ruim que possa acontecer.

Deixando de lado a impostura das teorias marxistas, não podemos deixar de conhecer que as causas políticas da guerra constituem seu fator determinante. O que resta discernir é se essas causas serão as primeiras, que é o que procuramos para identificar as origens da guerra, ou, apenas, as últimas, sobre o que parece não restar dúvida. A conclusão a que, no momento, podemos chegar, quanto às causas e origens da guerra, é que cada uma das teorias que sumariamente analisamos enfoca um aspecto da verdade que procuramos. A própria Teoria dos Valores ainda tem sua validade, pois o homem continua lutando por aquilo em

que acredita. Mas a verdade total ainda não está determinada.

Entretanto, logo após a religião, o assunto sobre o qual mais se escreveu até hoje é a Guerra. Além dos militares que, por dever de ofício, necessitam conhecê-la em todos os seus aspectos, pois devem estar preparados para enfrentá-la, a guerra, esse drama "apaixonante e assustador" a que se refere JOMINI, tem atraído a atenção e o interesse de intelectuais de todos os ramos do saber e de profissionais das-mais diversas categorias. Escritores, poetas, historiadores, filósofos, pensadores, sociólogos, biólogos, antropólogos, juristas, físicos, matemáticos, astrônomos, religiosos, economistas, enfim, todos julgam conhecê-la, alguns por terem-na vivido ou sentido seus efeitos. A partir de 1945, surgiu uma nova disciplina — a POLEMOLOGIA, que visa ao estudo científico da guerra do ponto de vista sociológico. Talvez um dia possamos elaborar uma teoria científica que explique as razões da guerra. Mas essa teoria terá que contar com o concurso de muitos campos e muitas disciplinas: — a psicologia, a psicossociologia, a biologia, a história, as ciências políticas, a sociologia, a antropologia, a teoria das comunicações, a estratégia e também as ciências normativas, a religião, a teologia, o direito e a filosofia.

CONCLUSÃO

O Homem Militar, elemento essencial à sobrevivência da Pátria,

verdadeiro braço-armado da nação, não existe na natureza nem no mercado de trabalho. Tem que ser formado, especializado, aperfeiçoado e desenvolvido, o que constitui o objetivo essencial do Ensino Militar, cujos parâmetros básicos são o HOMEM, o FUTURO e a GUERRA.

O Centro de Estudos de Pessoal, estabelecimento de ensino, pesquisa e seleção nos setores da educação, da pedagogia, da psicologia, da comunicação social, da técnica de ensino e da habilitação profissional, tem enorme responsabilidade de no aprimoramento do ensino militar e nos esforços para fornecer ao nosso Homem um ensino de melhor qualidade possível, compatível com as reais possibilidades do nosso Exército.

É indispensável um esforço contínuo para a criação e o manutenção de uma base moral, ética e técnico-profissional deste Homem, estimulando-se sem cessar o amor à carreira, o espírito militar e o sentido de profissionalização.

Há que fortalecer-lhe as convicções democráticas e realçar-lhe a importância dos valores morais e espirituais. Há que nele desenvolver o espírito de cooperação, a capacidade de atuar em equipe e o gosto pelas mais nobres virtudes militares.

Esforcemo-nos para incutir-lhe o sentimento da necessidade de preocupar-se com seu aprimoramento profissional e com as re-

responsabilidades que lhe estão afetadas no quadro da sociedade nacional. É preciso mostrar-lhe as reais condições de nossa força na atualidade e suas projeções para o futuro, a fim de que se torne um elemento útil e valioso na melhoria e desenvolvimento de nossa capacidade operacional.

Aos que se preparam para as funções de Chefia ou Comando, é preciso convencê-los de que, antes de tudo, serão *condutores de homens* em condições especiaisíssimas,

pois, arriscando as próprias vidas, poderão ser conduzidos para a glória ou o desastre.

Seus estudos deverão incluir os fatores conscientes e inconscientes da espécie humana, os fatores internos e externos de uma sociedade e os elementos racionais e irracionais desta criatura paradoxal — o HOMEM, conjunto de fera e anjo, que tem os pés no chão, no barro e na poeira, mas cujos olhos estão voltados para o céu, as estrelas, o infinito.

(Aula inaugural no Centro de Estudos de Pessoal — CEP — Rio de Janeiro)

O General-de-Exército Alzir Benjamin Chaloub é atualmente Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa, do Exército.